

**NOTÍCIA DO DIA:
POETAS DE NAZARÉ PUBLICAM EM *O CONSERVADOR***

Lívia dos Santos Dias (UNEB)

liviadiassp@gmail.com

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB/SALT)

conceicaoreis@terra.com.br

RESUMO

É fato que o homem, desde que se percebeu como ser social, membro integrante de uma comunidade, sentiu a necessidade de compartilhar suas experiências de vida, suas impressões sobre o mundo circundante. Várias foram as formas empregadas para transmitir o conhecimento acumulado, garantindo a sua socialização e sua perpetuação para as gerações futuras. Compreendendo a fugacidade da fala, recorreu ao registro escrito, utilizando-se de diferentes suportes, como, por exemplo, a pedra, o barro, o papiro, o pergaminho, o papel de seda, o papel alcalino e o espaço cibernético. À medida que as relações sociais e as sociedades vão se tornando mais complexas, mais dinâmicas, o homem também busca novas formas de registrar e difundir os seus saberes. O texto escrito, divulgado nos jornais impressos, é um dos recursos utilizados pelo homem do século XIX com este propósito. Muitos intelectuais, residentes nas pequenas cidades, recorreram aos jornais para divulgar as suas criações literárias. No presente texto, objetivamos apresentar algumas considerações sobre o trabalho de resgate de autores baianos que produziram textos literários e divulgaram no periódico *O Conservador*. O recorte aqui apresentado foi selecionado do projeto de pesquisa desenvolvido pela Profa. Maria da Conceição Reis Teixeira, que tem como um de seus objetivos resgatar e editar textos literários e não literários de autores baianos veiculados em periódicos, conforme aportes teóricos e metodológicos da filologia textual.

Palavras-chave: Notícia do dia. Nazaré. *O Conservador*. Edição.

1. Introdução

É fato que o homem, desde que se percebeu como ser social, membro integrante de uma comunidade, sentiu a necessidade de compartilhar suas experiências de vida, suas impressões sobre o mundo circundante. Várias foram as formas empregadas para transmitir o conhecimento acumulado, garantindo a sua socialização e sua perpetuação para as gerações futuras. À medida que as relações sociais e as sociedades vão se tornando mais complexas, mais dinâmicas, o homem também busca novas formas de registrar e difundir os seus saberes. O texto escrito e divulgado nos jornais impressos é um dos recursos utilizados pelo homem do século XIX com esse propósito. Muitos intelectuais residentes nas pe-

quenas cidades recorreram aos jornais para divulgar as suas criações literárias.

No presente texto, objetivamos apresentar algumas considerações sobre o trabalho de resgate de autores baianos que produziram textos literários e divulgaram no periódico *O Conservador*. O recorte aqui apresentado foi selecionado do projeto de pesquisa desenvolvido pela Profa. Maria da Conceição Reis Teixeira que tem como um de seus objetivos resgatar e editar textos literários e não literários de autores baianos veiculados em periódicos, conforme aportes teóricos e metodológicos da filologia textual. A amostra a ser analisada no presente estudo incide sobre a produção literária do escritor baiano José Bomfim veiculada no jornal *O Conservador*.

2. *Os periódicos e seu papel na divulgação de textos literários*

O ofício do joalheiro é muito singular, cauteloso, cuidadoso, requer muita perícia. Ele recolhe uma pedra da natureza ainda matéria bruta, lapida-a transformando-a em pedra preciosa, em uma joia reluzente, de formato ímpar, capaz de deixar qualquer pessoa deslumbrada ao vê-la. Assim também é o trabalho do filólogo, que, muitas vezes, recolhe um maço de papeis velhos. E, metaforicamente falando, lapida, restaura, emenda, cola, reconstitui, fazendo emergir uma joia rara que se encontrava relegada ao esquecimento. Como joia igualmente ímpar é admirada, contemplada, usada, exposta, despertando sentimentos, fazendo conhecer experiências, vivências acumuladas e guardadas através do tempo.

No processo de transmissão de um texto, o filólogo é, muitas vezes, aquele que está destinado a descobrir tesouros escondidos e torná-lo público. O trabalho que desenvolvemos com o projeto Estudo e Edição de Textos Literários e Não Literários Publicados em Periódicos Baianos e coordenado pela professora doutora Maria da Conceição Reis Teixeira tem por objetivo resgatar textos do século XIX e XX veiculados em periódicos, fazendo reluz quando exposto ao conhecimento público.

Conforme dito na introdução, o homem ao longo do tempo desenvolveu estratégias de registrar suas experiências e memórias. Isso só foi possível graças a sua capacidade de observar o mundo a sua volta e de experimentar os diferentes materiais disponíveis na natureza. E nesse constante processo de experimentação, usou o barro, a madeira, o couro de animais. Em função disso, surgiu o papiro, pergaminho, o papel.

No final do século XIX e início do século XX, alguns escritores, em consequência da falta de meios de difusão de suas criações, recorreram aos periódicos para divulgá-las. Estes periódicos tiveram um papel fundamental na preservação da memória literária da época.

O Conservador, jornal semanal, foi fundado em 05 de maio de 1912 por Anísio Melhor, Edgar Matta e Militão Santos na em Nazaré, cidade muito importante do Recôncavo Baiano, localizada a 180 km de distância da capital Salvador. Esta cidade até início do século XX teve grande representatividade no cenário local, especialmente como entreposto comercial, dado o fato de a linha férrea ligar a cidade a outras regiões, transportando mercadorias. O referido periódico teve grande representatividade na vida literária baiana, pois, serviu de palco para a divulgação das produções literárias da época.

Entendendo a sua relevância como difusor da produção de vários autores baianos, desenvolvemos como bolsista de iniciação científica um estudo de cunho filológico tendo como objeto material de estudo *O Conservador*. Tínhamos como meta recolher os textos literários divulgados entre 1929 a 1930. O trabalho de resgate resultou na recuperação de onze escritores. Até o momento deste período foram transcritos vinte e nove textos de gêneros variados. Destaque para o soneto, o poema, a crônica e textos em prosa.

Veicularam sua produção em *O Conservador* autores como Ruy Barbosa, Embiruçu da Silva, Nelson de A. Ribeiro, Anísio Melhor, Jotana- poles, Ulysses Plácidos, Joel Lopes, Pedro Ramos, Viriato Correia, Paulo Derval, José Amaro Cyro Bergel e José Bomfim. O quadro 1 apresenta de forma resumida os textos resgatados do referido periódico entre 1929 a 1930.

AUTOR	TÍTULO	GÊNERO
Anísio Melhor	História da senzala	conto
Embiruçu da Silva	Destino de mascara	soneto
Joel Lopes	Bem que foge	soneto
José Bomfim	O mais feliz	soneto
José Bomfim	O gato filósofo	fábula
José Bomfim	A onça e a raposa	fábula
José Bomfim	A mosca e a formiga	fábula
Jotana- poles	Perfeição	poema
José Amaro	Ave-Maria na roça	poema
Paulo Derval	“Resignado”	soneto
Pedro Ramos	Distanciado	soneto
Nelson de A. Ribeiro	Dias da adolescência	soneto

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Ruy Barbosa	Bustos e estatuas	artigo
Cyro Bergel	Melancolia	poema

Quadro 1: Alguns autores resgatados entre 1929 a 1930 de *O Conservador*

Ressaltamos a importância desse trabalho para a preservação da memória cultural, pois muitos destes textos são testemunhos únicos da produção intelectual de muitos baianos e, dado o estado de conservação, estava sujeito ao esquecimento.

3. *José Bomfim: um escritor nazareno*

Para objeto de análise do pequeno recorte que ora estamos apresentando, elegemos José Bomfim. O escritor nazareno teve grande participação na vida cultural de sua terra natal e também se utilizou de *O Conservador* para divulgar sua produção intelectual.

De nossas buscas sobre dados de sua vida, pouco, ou melhor, quase nada foi localizado até o momento. E justamente por esta razão o elegemos para estudo, pois queríamos obter informações sobre sua vida e obra. Os dados que seguem sobre foram recolhidos do próprio periódico *O Conservador*.

José Bomfim é natural da cidade de Nazaré-Ba, nasceu em 1905 e faleceu em 1979 quando completava 74 anos de vida. Durante os seus longos 74 anos de vida terrena além de militar no meio literário, desempenhou a função de bibliotecário na Biblioteca Municipal de Nazaré. Segundo consta em uma pequena biografia publicada no jornal *O Conservador*, escreveu três livros, a saber: *Barca dos Piratas*, *Luz e Trevas* e *Condenados*. Até o momento, localizamos, no referido periódico, sete textos escritos em prosa e em versos. Aborda temas variados como honestidade, amor, liberdade, natureza e aspectos da vida cotidiana.

4. *As fábulas de José Bomfim em O Conservador: edição interpretativa*

Entre 1929 e 1930 José Bomfim publicou três fábulas em *O Conservador*. São elas: “O gato filósofo”, “A mosca e a formiga”, “A onça e a raposa”. São pequenos textos em que o autor critica o comportamento da sociedade da época.

Jose Bomfim classifica os textos aqui editados como contos. Contudo, em função de suas características, designamos de fábulas. Os textos são pequenas composições em prosa, cujos personagens são animais, que apresentam características humanas, como, por exemplo, falar, agir, atitudes e comportamentos tipicamente humanos. Além disso, as três narrativas têm caráter moralizante em que cada animal simboliza algum aspecto ou qualidade do homem – a raposa, a astúcia; a formiga, o trabalho.

“O gato filósofo” foi publicado em 11 de agosto de 1929, na parte inferior da terceira página, ocupando a quarta coluna. Nessa crônica, o autor narra a história de um gato filósofo que pregava a prática dos bons costumes e de uma vida dentro da moral, entretanto agia de modo diferente daquilo que pregava.

O texto “A mosca e a formiga” foi publicado em 25 de agosto de 1929, no centro da quarta coluna da segunda página. Nesse texto o autor também faz uma crítica social, para tanto, recorre a uma raposa para encarnar as atitudes de uma pessoa que tem tudo que deseja, manipulando os outros.

“A onça e a formiga”, terceira fábula aqui editada, foi publicada em 15 de novembro de 1929, no centro da quarta coluna. Faz uma crítica às pessoas que têm um estilo de vida parasitário.

4.1. Critérios

Os critérios e métodos aplicados no processo de edição dos textos foi o da crítica textual. Adotamos uma postura conservadora, contudo atualizamos a grafia em conformidades com as normas vigentes atualmente. Na edição interpretativa aqui proposta, os textos foram submetidos às seguintes normas para a sua fixação:

1. Indicar entre colchetes o acréscimo de letras ou palavras ausentes no original por manchas ou rasgos do suporte, mas passíveis de serem depreendidas pelo contexto;
2. Manter a pontuação, conforme o original.
3. Conservar os estrangeirismos, conforme grafados pelo autor.
4. Manter as opções tipográficas do autor quanto ao uso de itálico, negrito e aspas.
5. Manter a distribuição do texto em estrofes, conforme o original.

6. Atualizar a grafia, conforme as normas vigentes a partir do acordo ortográfico, assinado em 2008 e prorrogado para o ano de 2016.

4.2. Edição interpretativa dos textos

O GATO FILÓSOFO

Era uma vez um gato branco muito sabido em filosofia e exímio pregador de moral.

Certo dia, vendo ele uma aranha chupando um mosquito, disse com voz acre:

– Amiga aranha o que é isso? Não devemos comer os nossos irmãozinhos!

A aranha soltou o mosquito e saiu pelo mundo a transmitir aos outros animais a estupenda lição de moral que havia aprendido.

Mas ao voltar, encontrou o gato comendo gulosamente um ratinho gordinho e com imenso espanto perguntou:

– Amigo gato, o que é isso? Não disseste a bem pouco que não devemos comer os nossos irmãozinhos?!

E ele muito cínico, limpando o bigode com a pala, respondeu:

– *Faças o que eu mando, não faça o que eu faço.*

.....

Muitos pregadores de moral, como o gato filósofo deste conto, detestam, prescrevem, condenam todas as más ações, porém, – quando menos se pensa – ei-los a praticá-las.

A ONÇA E A RAPOSA

Certa raposa manhosa, velhaca, astuta, cuja lábia era irresistível, vendo um dia uma onça a comer um pedaço de carne fresca, disse:

– Amiga onça, quem tem mais, dá a quem tem menos.

A onça de boa vontade repartiu com ela o seu minguado repasto.

Mas, outro dia, estava a raposa fazendo a sua refeição, quando chegou a onça e talvez querendo experimentá-la, disse:

– Amiga raposa, quem tem mais, dá a quem tem menos.

A raposa deu um salto para um lado e respondeu:

– Nada! Quem dá o que tem, a pedir vem.

.....

Eu vejo a sociedade de hoje, através do meu binóculo turvo de pessimista, composta de raposas astutas e onças incautas.

A MOSCA E A FORMIGA

Uma pequena mosca despreocupada e vadia, vendo, certo dia, uma formiga a carregar um fardo superior às forças, disse-lhe cheia de ironia:

– Amiga formiga, aonde vais com esse fardo tão pesado?

– Vou para minha casa, respondeu a formiga. Ando a carregar migalhas porque o inverno não tardará muito.

– Vejo que és muito tola, objetou a mosca, pois ainda não sabes que o trabalho é privilégio dos burros.

– Quem não trabalha não come.

– Não come?! Quem disse?...

Eu, por exemplo, não fio, não teço, e bebo do bom e do melhor.

– Mentira!

– Não é mentira. Si duvidas vem comigo.

A formiga rapidamente abandonou o fardo e seguiu a mosca.

Era o meio-dia e, portanto, hora de almoço.

Entraram em certa casa onde havia grande mesa posta com fumegantes pratos de saborosos petiscos, e a mosca, para mostrar o seu valor, foi logo pousando sobre um prato que estava cheio de um líquido preto e muito grosso. Era um prato de melaço. Achando-se mal, tolhida de ação, com as azas completamente fisgadas, bradou então pela formiga, pedindo socorro em desespero.

Mas a formiga compreendendo a eminência do perigo e antevendo o trágico fim de sua desditosa companhia, murmurou afastando-se:

– Amiga mosca, adeus, eu estou satisfeita... Essa vidinha é boa, porém, muito perigosa! Eu prefiro trabalhar para comer...

*

* *

Muita gente neste mundo leva vida parasitária de mosca, comendo sem trabalhar, sem pensar no prejuízo que isso pode causar.

Outros, porém, mais avisados, seguem o exemplo da formiga, e preferem trabalhar para comerem.

5. *Considerações finais*

Conforme afirmamos na introdução do presente texto, intencionávamos aqui tecer algumas considerações sobre o trabalho de resgate de autores baianos que produziram textos literários e divulgaram no periódico *O Conservador*. Para tanto apresentamos a edição interpretativa de três fábulas escritas pelo baiano José Bomfim e veiculadas no jornal *O Conservador*. Objetivamos ainda dar uma pequena demonstração do quanto é valioso o trabalho do filólogo para resgatar, restaurar e tirar da obscuridade textos produzidos pelos nossos antepassados. Assim como o joalheiro, o filólogo está sempre buscando e redescobrimo tesouros literários e disponibilizando-os para os leitores contemporâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOMFIM, José. O gato philosopho. *O Conservador*, Nazaré, vol. 1, n. 09, p. 03, 11/08/1929.

_____. A mosca e a formiga, *O Conservador*, Nazaré, vol. 1, n. 10, p. 02, 25/08/1929.

_____. A onça e a formiga, *O Conservador*, Nazaré, vol. 1, n. 16, p. 02, 15/11/1929.

OLIVEIRA, Joelma Jesus; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Libertadores, liberticidas: debate sobre a liberdade em *O Imparcial*. *Cadernos do CNLF*, vol. XVII, n. 3, 2013.

RAMOS, Nair Caroline Santos; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. O Flamboyant, Mulungu e o Supremo Desejo, de Eugenio Gomes: regate de escritores baianos em *O Conservador*. *Cadernos do CNLF*, vol. XVII, n. 3, 2013.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; TELLES, Gilberto Nazareno. *Diálogos com as letras*. Salvador: Quarteto, 2014.